

DIA MUNDIAL DA MÃE TERRA: ECOLOGIA INTEGRAL E COMPROMISSO CRISTÃO

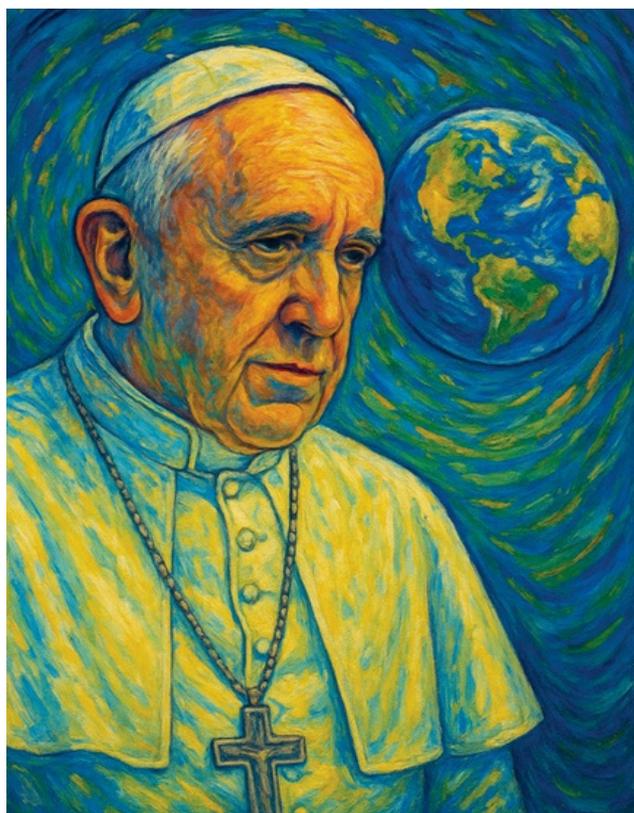


Desde 2009, todo dia 22 de abril celebramos o Dia Internacional da Mãe Terra, data estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas como um apelo à consciência coletiva da humanidade diante da crise ambiental que afeta nosso planeta.

Não é simplesmente um lembrete ambiental, mas um questionamento profundo do nosso modo de vida, das nossas estruturas económicas, dos nossos modelos de desenvolvimento e, acima de tudo, das nossas relações humanas e espirituais.

Hoje, mais do que nunca, o grito da Terra é também o grito dos pobres, dos povos indígenas deslocados, das gerações futuras ameaçadas pela irresponsabilidade ecológica e de todas as formas de vida que foram devastadas pela lógica do lucro ilimitado.

LAUDATO SI': UMA CONVERSÃO ECOLÓGICA ABRANGENTE



Em 2015, o Papa Francisco ofereceu-nos *Laudato Si'*, uma encíclica profética que marcou um antes e um depois na compreensão do compromisso cristão com a ecologia. Inspirado por São Francisco de Assis desde o início do seu pontificado, o Papa convida-nos a olhar para a Terra não como mais um recurso, mas como uma irmã e mãe que nos sustenta e acompanha.

“A Terra, nosso lar, parece tornar-se cada vez mais um imenso repositório de imundície (LS 21).

Com uma linguagem clara e ao mesmo tempo profundamente teológica, *Laudato Si'* apresenta-nos o conceito de ecologia integral, em que tudo está interligado: o ser humano, a natureza, a economia, a política, a espiritualidade. A crise ecológica não é apenas uma crise técnica ou científica, mas uma crise moral e espiritual.

O documento denuncia fortemente os males do extrativismo, do consumismo ilimitado e da cultura descartável. Afirma que o planeta não pode mais suportar a pressão de um sistema económico que trata a natureza como uma fonte inesgotável de recursos e as pessoas como consumidores descartáveis.

“O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio sobre a economia e a política” (LS 109).

O Papa não se limita à crítica mas oferece uma alternativa: uma conversão ecológica que parte do coração humano e se traduz em mudanças pessoais, comunitárias, económicas e estruturais. Chama-nos a ouvir o grito da Terra e dos pobres, a viver sobriamente, a repensar a nossa forma de produzir, consumir e relacionar-nos.

CAPITALISMO EXTRATIVISTA: A LÓGICA DO PREDADOR

A devastação ambiental que enfrentamos hoje não é um acidente nem um fenómeno natural inevitável. É o resultado direto de um sistema económico global —capitalismo extrativista— que transformou a Terra em saque, um território de conquista para interesses financeiros sem rosto e sem raízes.

Este modelo baseia-se na exploração intensiva de bens naturais (minerais, petróleo, água, florestas), muitas vezes em territórios habitados por povos indígenas ou comunidades rurais, que são deslocados ou violados por megaprojectos que prometem desenvolvimento, mas geram pobreza, poluição e cultura. destruição.

O progresso, neste contexto, tornou-se um eufemismo para justificar a acumulação de riqueza em poucas mãos, à custa da destruição ecológica e social. A promessa de “development” deixou um rasto de comunidades divididas, montanhas quebradas, rios poluídos e culturas desenraizadas.

Laudato Si’ denuncia essa lógica da morte, onde o crescimento económico não leva em conta os limites do planeta ou do sofrimento humano:

“É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias” (LS 211), mas também é urgente rever os grandes mecanismos económicos que incentivam o extrativismo predatório.

Diante disso, precisamos repensar o que significa viver bem, recuperar o sentido comunitário da vida, reconhecer os saberes ancestrais e avançar para economias que ponham a vida e não o lucro no centro.

SANTO ANTÔNIO MARIA CLARETE: ESPIRITUALIDADE COMPROMETIDA

Embora tenha vivido no século XIX, Santo Antônio Maria Claret antecipou muitas das preocupações que nos desafiam hoje em relação à justiça social e ao cuidado da criação. Missionário incansável, Claret entendeu que a evangelização deve andar de mãos dadas com a promoção humana, a defesa dos pobres e a transformação social.

No seu tempo, denunciou bravamente a escravatura, a corrupção política, o abuso de poder e a desigualdade económica. Através de sua vida e escritos, ele deixou claro que o cristianismo autêntico não pode viver indiferente ao sofrimento humano ou ao grito dos mais vulneráveis.



Embora ele obviamente não tenha usado a linguagem da ecologia como a entendemos hoje, Claret viveu uma espiritualidade profundamente incorporada. A sua defesa dos pobres, o seu amor pela vida camponesa, a sua proximidade com o povo e a sua sensibilidade à exploração dos humildes revelam uma atitude que hoje poderíamos chamar de “ecológica”, no sentido mais lato do termo. Para nós como Família Claretiana, o legado de Santo Antônio Maria Claret é fonte de inspiração para assumir o compromisso com a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação (JPIC), como expressão concreta do seguimento de Jesus no mundo atual.



A PALAVRA DE DEUS E A CASA COMUM

A Sagrada Escritura está repleta de imagens e textos que nos revelam a profunda ligação entre Deus, o ser humano e a criação. Desde o início, na história do Gênesis, Deus coloca os seres humanos no jardim para “cultivar e cuidar deles” (Gn 2:15).

Não para dominá-lo com violência, mas para ser seu fiel servo.

Os profetas denunciaram as injustiças que também afetaram a terra: “A terra está de luto, murcha... porque violaram as leis, violaram os preceitos, quebraram a aliança eterna” (Is 24:4-5).



O próprio Jesus usou a linguagem da natureza para anunciar o Reino: falou de sementes, figos, campos, aves do céu. Sua vida estava enraizada na Terra e em seus ritmos.

E o Apocalipse nos lembra que a história não termina com destruição, mas com uma nova criação: “Eu vi um novo céu e uma nova terra” (Ap 21:1). A nossa esperança não é uma fuga do mundo, mas sim a sua transformação através do amor e da justiça.

Para além dos momentos da nossa história em que, como humanidade e como comunidade crente, quisemos validar a exploração irracional do ambiente com base em interpretações tendenciosas do texto bíblico, é evidente pelo espírito da palavra que os seres humanos, embora eles têm o direito de obter o seu sustento da terra, também tem a responsabilidade de colocar todas as suas capacidades em proteção e, neste momento, restaurá-la.

CONSTRUA ESPERANÇA POR BAIXO

Comemorar o Dia da Mãe Terra é muito mais do que plantar árvores ou apagar as luzes por uma hora. É uma oportunidade de rever a forma como vivemos, consumimos, nos relacionamos e acreditamos.

É também um momento de nos articularmos como movimentos sociais, comunidades cristãs, grupos ambientalistas, povos indígenas, trabalhadores, estudantes, cientistas, artistas e cidadãos comprometidos com outra forma de habitar o mundo.

Urge promover uma nova narrativa onde o centro não seja o crescimento económico, mas o cuidado da vida. Onde o sucesso não é medido pelo capital acumulado, mas pela qualidade das nossas relações com os outros e com o ambiente. Onde não há desenvolvimento sem justiça social ou justiça sem justiça ecológica.

Como diz o Papa em *Laudato Si'*:

“Tudo está conectado. Portanto, exige-se uma preocupação com o meio ambiente juntamente com um amor sincero pelos seres humanos” (LS 91).

E como nos lembra o legado claretiano, não podemos permanecer neutros ou indiferentes. A fé que não se torna justiça é estéril. Amor que não se traduz em compromisso é sentimentalismo vazio.



PROPOSTAS PARA CAMINHAR JUNTOS

Das nossas comunidades, instituições, paróquias e espaços do quotidiano, Podemos:

- Promover a educação ecológica e popular, que desperte a consciência crítica e a sensibilidade solidária. Neste momento em que a informação se tornou tão banalizada, a formação das gerações futuras para defender o planeta constitui uma importante ação de transformação social.
- Promover uma espiritualidade incorporada, que ligue a oração ao compromisso ecológico e social, transformando a nossa fé e convicções em discurso, marcha, texto, organização.
- Rejeitar o consumismo, apostar em economias locais, solidárias e sustentáveis. Embora o cidadão comum tenha uma influência aparentemente limitada, a modificação dos hábitos de consumo de massa pode gerar mudanças importantes.

- Defender territórios ameaçados por megaprojetos extrativistas, acompanhando povos indígenas e rurais. A sensibilidade atuante que podemos ter diante da realidade e das dificuldades de nossos irmãos em situações de vulnerabilidade, além de ser uma ferramenta de mudança social, é também nos humanizarmos novamente, para compreendermos plenamente nossa natureza como espécie interdependente.
- Promover políticas públicas que garantam justiça ambiental e transição energética justa. Ter participação baseada em opiniões informadas, órgãos democráticos nas decisões e processos eleitorais que nos permitam mecanismos eleitorais informados e supervisão popular.
- Celebrar criativamente o Dia da Mãe Terra, ligando-o à liturgia, à cultura, à arte e à denúncia profética.

MÃE TERRA, NOSSO LAR COMUM

A Terra não é uma coisa. Ela é mãe, é irmã, está em casa. É sagrado. Não podemos continuar a tratá-lo como espólios de guerra. Hoje, a urgência ecológica chama-nos a uma transformação radical: do coração, das estruturas, das nossas prioridades.

O Dia Mundial da Mãe Terra é uma oportunidade para lembrar que a nossa fé cristã, se autêntica, deve comprometer-se com a vida em todas as suas formas. Laudato Si' nos fornece uma estrutura espiritual e ética para esta tarefa. Santo Antônio Maria Claret nos lembra que o Evangelho é uma ação libertadora. E as pessoas, de baixo, mostram-nos que outro mundo é possível... e necessário. Casaldáliga nos lembra que a Terra é a mãe de todos:



A terra é a mãe de todos,
 não pertence a ninguém.
 Ninguém sem terra,
 ninguém sem telhado,
 ninguém sem trabalho.
 Ela é uma mãe ferida,
 indignado, vendido.
 A terra geme,
 com suas montanhas cortadas,
 seus rios envenenados,
 seus filhos expulsos.
 E nós
 seus filhos e irmãos,
 nós a abraçamos,
 nós defendemos isso,
 semeamos com justiça.
 Deixe brotar o grito e o espigão!
 Que a esperança floresça
 dos pobres da Terra!
 Porque outro mundo é urgente.
 Porque esta terra,
 mãe comum,
 é sagrado.

